

Da Estética da Sujidade às Paisagens Culinária, Monumental e Religiosa: Representações de Portugal em Guerra durante a Visita de *Lord Byron* (1809) no Diário de Viagem de John Cam Hobhouse

Rogério Miguel Puga
(NOVA-FCSH/CETAPS)

Em Junho de 1809, em plena Guerra Peninsular,¹ o jovem George Gordon Byron (1788-1824), conhecido como *Lord Byron*, e o seu amigo John Cam Hobhouse, Barão de Broughton (1786-1869), diarista e futuro político, então com 23 anos, partem de Inglaterra numa viagem pela Europa continental, que os levaria a Portugal,² Espanha, Malta, à Albânia, Grécia e Turquia.³ Durante esse périplo, Hobhouse redige um diário,⁴ cuja secção dedicada

-
- 1 Sobre a Guerra Peninsular e os relatos de viagem britânicos sobre Portugal durante o conflito, veja-se Terenas, 2010.
 - 2 Na viagem para Lisboa, *Lord Byron* escreve o poema “Lines to Mr. Hodgson Written on Board the Lisbon Packet”, que refere humoristicamente Hobhouse durante esse percurso: “Ere we sail on board the Packet. // (...) We’re impatient—push from shore. / “Have a care! that case holds liquor— / Stop the boat—I’m sick—oh Lord!” / Hobhouse muttering fearful curses, / As the hatchway down he rolls, / Now his breakfast, now his verses, / Vomits forth—and damns our souls.” (Byron *The Major Works* 13-14)
 - 3 A rota Londres-Constantinopla, via Lisboa e Gibraltar, é percorrida, por exemplo, por Thomas Bruce, 7th *Earl of Elgin*, quando se torna embaixador no Império Otomano, e pela sua mulher, Mary Hamilton Bruce, em 1799. Em Lisboa, o casal pernoita na Estalagem Inglesa, na Rua do Sacramento, possivelmente a mesma em que Hobhouse e Byron se instalaram. (V. Ferguson 1926, 11-12)
 - 4 Os diários de Hobhouse foram adquiridos pela British Library, em Abril de 1971, e estão catalogados com as cotas Add MASS 56527-56568 (diário da viagem à Europa: Add MASS 56527). Em 1999, Francisco José Magalhães publicou fragmentos dispersos da secção do diário dedicada a Portugal numa “edição” comentada, sendo a tradução das entradas em latim para português da autoria de Arnaldo Espírito Santo. (Magalhães 1992)

a Portugal é escrita (parcialmente) em latim, narrativa da qual nos ocupamos para analisar a representação quer de Portugal, através da “estética da sujidade”,⁵ quer da famosa viagem de *Lord Byron*, que lhe forneceria material para os dois primeiros cantos de *Childe Harold's Pilgrimage: Romaunt* (1812), que o transformariam numa celebridade e dariam origem à chamada “byronmania”.⁶ Atentemos, então, no contexto em que a viagem tem lugar. Byron senta-se na House of Lords desde 13 de Março de 1809 e publicara, nesse mês, *English Bards and Scotch Reviewers*, mas, como é sabido, as suas dívidas não paravam de aumentar. Em Abril de 1809, o poeta organiza uma festa em Newstead Abbey, na qual participam os seus amigos de Cambridge, Hobhouse, Wedderburns, Webster e Mathews. Durante a festa, os convivas disfarçam-se de monges católicos e Byron transporta um crucifixo durante uma procissão católica carnalizada, imaginário decerto associado aos países do sul da Europa, como Portugal. Aliás, Charles Skinner Matthews descreve essa festa e um dia típico na famosa casa de Byron:

I must not omit the custom of handing round after dinner on the removal of the cloth of a human skull filled with burgundy. After revelling on choice viands, and the finest wines of France, we adjourned to tea, where we amused ourselves with reading, or improving conversation, each, according to his fancy, and after sandwiches, etc., retired to rest. A set of monkish dresses which had been provided, with all the proper apparatus of crosses, beads, tonsures, etc., often gave a variety to our appearance, and to our pur-suits. (Beckett e Aley, 136)

O imaginário católico da festa seria obviamente convocado, mais tarde, em Portugal, quer nos conventos de Lisboa visitados pelos dois amigos, também para falar com frades em latim e francês, quer através das histórias eróticas que, no diário de Hobhouse, referem as brincadeiras sexuais de religiosos lusos. Durante a estada em

5 Expressão (“poetics of dirt”) de Schülting (162, 173).

6 Sobre o processo de busca e construção da fama por e de *Lord Byron*, vejam-se, entre outros, MacCarthy (89-576), Mole (1-59, 78-97, 130-153), McDayter (1-70, 171-188) e Tuite (2017).

Newstead Abbey, Byron convida os amigos para um *tour* pela Europa, mas apenas Hobhouse, então zangado com o pai, aceita o desafio. Tendo pedido dinheiro emprestado para viajar, Byron e Hobhouse deixam Londres, em 20 de Junho, rumo a Falmouth, de onde partem, para Lisboa, no dia 2 de Julho, a bordo do *Princess Elizabeth*, percurso que dura quatro dias e meio. Hobhouse regressaria a Inglaterra em Julho de 1810, e Byron em Julho do ano seguinte.

O objectivo dos jovens é realizar uma viagem a que poderíamos chamar o seu anti-Grand Tour⁷, rumo ao Oriente, e uma das razões para o fazerem pela Península Ibérica deve-se ao facto de ser, então, impossível viajar em certas partes da Europa, nomeadamente na França e na Itália, devido às Guerras Napoleónicas. Byron e Hobhouse viajam depois até Gibraltar para continuar viagem, rumo a Constantinopla, via Malta, ilha para a qual não há transporte, desde Falmouth, nas semanas seguintes, pelo que os viajantes optam por navegar até Lisboa, e daí prosseguir pela já referida rota. A carta que Byron envia à mãe, de Falmouth (22-06-1809), ilustra o estado de espírito com que o endividado poeta deixa Inglaterra e critica o seu país, onde não deseja voltar, tal como criticaria as nações que iria visitando, durante a sua viagem de evasão, que passaria por territórios administrados pela Grã-Bretanha na Europa, como Gibraltar e Malta. O autor queixa-se na referida missiva: “The world is all before me, and I leave England without regret, and without a wish to revisit any thing it contains, except yourself, and your present residence”, descrevendo Falmouth de forma negativa, numa outra carta redigida no dia 25 de Junho: “the town contains many quakers and salt-fish (...) the women (...) are flogged at the cart’s tail when they pick and steal.” (Byron *Letters*, 145-157) A estada em Portugal é, assim, um meio para atingir um fim (geográfico), o Império Otomano, e esse facto deve ser considerado quando analisamos o interesse, a representação e os juízos de valor do diarista sobre um país empobrecido e arruinado

7 Como é sabido, o “Grand Tour” era a viagem pela Europa (França, Suíça, Itália, Áustria, Alemanha, Holanda, Bélgica, entre outros países) feita por jovens de classe média-alta, após terminarem a universidade, desde cerca de 1600, com um objectivo educativo. Byron e Hobhouse fogem, assim, ao típico percurso do “Grand Tour”. Sobre o “Grand Tour”, vejam-se, entre outros, Trease (1991) e Black (2003).

pelas Invasões Francesas, visitado inesperadamente. As tropas britânicas tinham chegado a Portugal em 1808, e o diarista escreve durante o interregno caótico entre invasões franceses.

Em Lisboa, Hobhouse começa um extenso diário da viagem, que ilustra com desenhos e cuja secção dedicada a Portugal é, como já referimos, parcialmente redigida em latim. A partir da leitura dessa secção, analisarei a representação de Portugal através do estudo de várias temáticas, acompanhando a viagem de Lord Byron, que também utilizou as suas memórias dessa estada no poema narrativo *Childe Harold's Pilgrimage* (CPH). A narrativa diarística e CHP funcionam, assim, como representações de países então relativamente vedados à maioria dos britânicos devido às Guerras Napoleónicas. Daí também o interesse do público britânico pelo poema de Byron, que se assume como uma leitura poética e pessoal de um espaço algo perigoso e quase "proibido" para leitores que fariam sobretudo o *Home Tour*. Como veremos, o acto de viajar, assume-se, sobretudo através das suas componentes estética, pitoresca, etnográfica e histórica, e também como um acto identitário, quer seja "em casa", quer seja no estrangeiro, pois os viajantes auto-caracterizam-se através da descrição do Outro e da admiração (e até indignação) perante o desconhecido.

O diarista, John Cam Hobhouse, estudou no Trinity College, em Cambridge, onde fundou o Whig Club e a Amicable Society, e onde conheceu, em Junho de 1807, Byron, de quem viria a ser padrinho de casamento, em 1815, tendo também redigido notas para o canto IV de CHP, que lhe é, aliás, dedicado. Em 1809, ano em que visita Portugal, o diarista publicou, em Londres, *Imitations and Translations from the Ancient and Modern Classics: Together with Original Poems Never before Published*, que inclui poemas de Lord Byron ("Verses Written in Lord Strangford's Translation of Camoens"). Em 1816, o autor voltou a partir para a Europa, residiu alguns meses em Itália, e, ao regressar a Londres, dedicou-se à política enquanto *Young Whig* (reformista radical) e redigiu vários panfletos (*Defence of the People*, *Supplicatory Letter to Lord Castlereagh*, *A Trifling Mistake in Lord Erskine's Recent Preface*). Num desses panfletos atacou a House of Commons e defendeu a sua

reforma, obra que lhe valeu a prisão, entre 1819 e 1820, e também o estatuto de herói radical. Em 1820, o político tornou-se membro do Parlamento, como representante de Westminster (1820-1833), e posteriormente de Nottingham (1834-1847) e Harwich (1848-1851), sendo-lhe atribuída a famosa expressão "His Majesty's (Loyal) Opposition" durante um discurso na House of Commons, em 1826. (Kleinig, 113-114) Em 1825, Hobhouse conseguiu a proibição do trabalho infantil nocturno em fábricas, mas, após a reforma do Parlamento de 1832, tornou-se mais conservador. Em 1828, o diarista casou com *Lady* Julia Tomlinson Hay, com quem teve três filhas, uma das quais (Charlotte, *Lady* Dorchester) publicou documentos inéditos do pai, como *Recollections from a Long Life* (1909-1911). Após a subida dos Whigs ao poder, Hobhouse desempenhou vários cargos políticos, nomeadamente os de Secretary of War (1832-1833), Chief Secretary for Ireland (1833), First Commissioner of Woods and Forests (1834) e President of the Board Control (1835-1841, 1846-1852). Em 1832, o autor do diário tornou-se membro do Privy Council, em 1851 tornou-se Barão de Broughton (Broughton-de-Gyfford, Wiltshire) e, no ano seguinte, Cavaleiro da Grande Cruz da Ordem de Bath. Hobhouse publicou obras como *Journey through Albania* (1813); *The Substance of Some Letters Written by an Englishman Resident at Paris* (1815); *Historical Illustrations of the Fourth Canto of Childe Harold* (1818); *Italy: Remarks Made in Several Visits, from the Year 1816 to 1854* (1859) e *Some Account of a Long Life* (1865-1867, 5 vols.), deixando inúmeros manuscritos ("Diaries, Correspondence, and Memoranda, etc., not to be Opened till 1900") que a sua filha publicou, como já referimos, juntamente com *Some Account*, com o título *Recollections* (6 vols.).

Na primeira metade do século XIX, assistimos a um enorme interesse por diários, sendo publicados, por exemplo, os diários de Samuel Pepys (redigidos entre Janeiro de 1660 e Maio de 1669), de Henry Crabb Robinson (1869) e de *Sir* Walter Scott (1890), entre tantos outros, especialmente relatos de viagem. O hábito de redigir diários em latim não era obviamente novidade, bastando recordar o que Thomas Isham escreveu aos treze anos (1671) depois de o pai lhe

oferecer uma recompensa monetária se ele praticasse a língua latina dessa forma. Hobhouse e Byron dominavam a língua latina e a troca de referências, expressões e frases em latim e em grego antigo era comum entre eles, como revela o estudo de Webb, (385-412) que analisa as influências da Antiguidade Clássica na obra do poeta, o seu uso de latim e grego, bem como o de Hobhouse na troca de correspondência entre os amigos.⁸ Tal como fez no seu diário em Portugal, embora por pouco tempo, também ao longo da sua carreira política, Hobhouse faria uso dos seus conhecimentos de latim, grego e sobre Cultura Clássica no Parlamento, sendo conhecido por isso, como refere um estudo (biográfico) sobre a sua carreira política entre 1819 e 1852: “[Hobhouse] put his classical training to frequent use in Parliament by ending a speech with a Greek or Latin flourish, and often caught another M.P.’s misquote.” (Zegger, 30) Apesar de o jovem Hobhouse ainda não se ter dedicado à política quando visita Portugal, tal como recordam Vance e Wallace, na Grã-Bretanha desse período, os autores clássicos tornaram-se “even more complexly hybrid, enriched as well as challenged by new knowledge and new social concerns, mediated by ever more post-classical agendas, traditions, and translations, popularized, burlesqued, and rendered truly interdisciplinary”. (1) O latim, o grego e os autores clássicos eram utilizados por políticos como estratégias de legitimação de poder e de sabedoria pessoais, sobretudo durante discursos. Como é sabido, nessa altura, observou-se um interesse generalizado pelo passado nacional, enquanto, por outro lado, a Grã-Bretanha afirmava a sua própria modernidade:

Classical antiquity was investigated and utilized along with ancient Britain, Gothic medievalism, the Orient, and the Bible. Sometimes this meant that different cultures became conflated in the cultural imagination. (...) To invoke particular Latin or Greek writers could be to claim authority for one’s political viewpoint, to invest it with precedent or a cultural weight. But it was also, sometimes, to conjure up another world that was

⁸ Sobre o ensino de Cultura Clássica, do latim e a leitura em latim na Grã-Bretanha no período em questão, veja-se Stray. (79-102)

better, more virtuous or more liberated, than contemporary Britain (...). This was a period in which the idea of Greece and, to a lesser extent, the idea of Rome were fashioned and refashioned to support a burgeoning sense of what [imperial] Britain was or what it could become. (Vance e Wallace, 1)

No século XIX, a língua latina era associada, em geral, a uma educação (erudição) refinada, estatuto que Hobhouse reclamaria para si ao (tentar) redigir o seu diário em latim, nunca chegando as secções dedicadas a Portugal e a Espanha a ser utilizadas nas suas narrativas de viagem, ao contrário do que acontece com as suas memórias relativas à Itália e ao Médio Oriente. Trata-se, portanto, de uma questão intelectual (o saber) e social (o estatuto) que remete para a literatura como prática cultural e social. O diário é redigido em latim, entre os dias 8 e 19 de Julho, e o restante texto em inglês, sugerindo o seu conteúdo, sobretudo as indicações para futuros viajantes, que o autor pretendia eventualmente publicar essa obra, e seria óbvio o estatuto intelectual que a língua latina conferiria ao texto. Esse projecto é, no entanto, um desafio difícil em viagem, e Hobhouse abandona-o e passa a escrever em inglês, ainda em Portugal, quando sente necessidade de redigir entradas mais longas e elaboradas. Como recorda Moul, num recente guia de literatura neolatina, “reading and writing of Latin was an essential element of advanced education, and literary writing in Latin was held in high regard not only across Europe but also beyond its borders (...) and Latin publications linked literary cultures across Europe and encouraged interaction between them”. (2) Por outro lado, o latim funciona também quer como marcador linguístico e cultural do desejo de evasão de Inglaterra, rumo ao Sul, quer como um dos muitos elementos do ritual de iniciação (viagem) do então jovem autor ao entrar no continente europeu através de Portugal, um antigo país “latino” em que, de acordo com os estrangeiros (aí mais livres das pressões sociais e religiosas das suas culturas de origem), reinaria uma maior liberdade, até porque, como demonstra o diário de Hobhouse, essa liberdade e predisposição fazem com que, em Espanha, “exotismo” pitoresco rime com erotismo.

A narrativa diarística é caracterizada pelo seu autor como um bloco onde serão anotadas “bagatelas”, ou pensamentos pouco sérios, e apesar das entradas relativamente curtas e sobretudo factuais e descritivas de acções, são vários os temas abordados entre os dias 7 e 23 de Julho de 1809. O texto autobiográfico não contempla os antecedentes da viagem, nem o percurso entre Falmouth e Lisboa, e inicia-se com a entrada dos viajantes no rio Tejo, já na capital portuguesa, às 3 da manhã, do dia 7 de Julho, data registada erradamente no diário, pois Hobhouse engana-se e afirma que chega no dia 8. Aliás, apenas no dia 19 as datas no diário passam a ser as correctas. O primeiro contacto do diarista e de Byron com a população da capital lusa faz-se às dez da manhã, após o desembarque, durante um passeio a pé: “Tagum intravi – Olyssipum tetigi 10 a.m. – per Urbem ambulatio – (...) pauperem morbo pesticulari perditissime affectum fugi. in naviculâ trans-flumine vineta cum magno strepite puerorum asino agentium vidi. – (...) (pueri cupidissimi peccia balneum cessi in Tago).” (Hobhouse, 1)

A imagem inicial é a de pedintes nas ruas de Lisboa, habitantes economicamente desfavorecidos, marginalizados (pelo próprio diarista) por exibirem moléstias do foro dermatológico. A doença e a sujidade dos mendigos são contrastadas, pelo autor, com a higiene do grupo inglês através dos frequentes banhos que ele e Byron tomam no Tejo, logo nesse dia e nos dias 9 e 10, e, mais tarde, no rio Caia, e noutros cronotópicos fluxos de água durante a viagem até Constantinopla. A higiene e a imundície são temas e preocupações recorrentes ao longo da narrativa diarística, tal como acontece noutros textos coevos. Por exemplo, em *Characteristical Views of the Past and Present State of the People of Spain and Italy. Addressed to the English Traveller* (1808), John Andrews dirige-se ao leitor-futuro viajante inglês para criticar, tal como Byron e Hobhouse fazem em Portugal, a sujidade omnipresente em Espanha, incluindo na capital, lar da família real, e consequentemente constatar, através de uma generalização hiperbólica, a superioridade britânica na Europa:

There is hardly any part of Europe not preferable to Spain in this respect (...).The laziness of the people, and the uncleanliness of places, disgusting and

intolerable to those who have been used to neat and decorous ways of living, and in whose countries cleanliness is looked upon as an indispensable requisite among the comforts of life (...). Madrid itself, their metropolis, and the residence of the court, often becomes pestiferous through excessive filth (...). An Englishman may, without the least partiality, claim for his country the superiority of neatness in all points to every other in Europe. Unprejudiced foreigners are particularly pleased with England upon this account. (Andrews, 137-139)

Em *CHP*, também Byron descreve os habitantes de Lisboa da seguinte forma: “The dingy denizens are rear’d in dirt”; / No personage of high or mean degree / Doth care for cleanness of surtout or shirt / Though shent with Egypt’s plague, unkempt, unwash’d, unhurt”, (Byron *The Major Works*, 30; *CHP* I, XVII) e, como veremos, se o poeta e Hobhouse descrevem a capital lusa do início do século XIX através de imagens como assaltos nas ruas, pedintes doentes e sujos, monges libidinosos e ignorantes, ambos admiram a paisagem natural e os pitorescos cenários de Sintra e do Alentejo. Nos séculos XVIII e XIX, inúmeros viajantes plasmam duas Lisboas, a pitoresca cidade vista ainda do barco e, já em terra, a urbe repleta de sujidade, como, por exemplo, Robert Ker Porter, que, em 1808, (d)escreve a capital através desse binómio “limpa ao longe/suja de perto”:

on a nearer approach to Lisbon, it loses its parian hue; and on a closer investigation, the cleanliness which the external whiteness of the houses shining in the sun at a distance, leads one to expect, vanishes; and the miserably plastered dwellings present themselves in their true colours, bespattered with dirt of every description, and rendered almost intolerable by the accumulated filth, and the raging heat which draws their honours reaking up to heaven. (Porter, 6-7)

Um outro soldado que luta na Guerra Peninsular, George Simmons, também textualiza, tal como Hobhouse, a sujidade em Lisboa e a superstição dos católicos (*topos* da literatura protestante sobre o Sul da Europa), bem como uma ópera de má qualidade. A chegada à urbe, no dia 28 de Junho de 1809, dá lugar à seguinte constatação e a uma crítica aos franceses que saqueiam Portugal:

About noon we entered the Tagus, and our fleet came to anchor close to Lisbon, which from the sea appeared a most magnificent place indeed. On landing the charm ceased, as the streets are exceedingly filthy. The quays are built of stone, and very good along the river. The Citadel is on a commanding eminence in the town, from whence in every direction you may observe churches, monasteries, convents, etc. The most magnificent church is that of S. Roche, The French, 1809 under Junot, robbed this church of many valuables, but the priests were fortunate enough to save some things by hiding them from the grasp of these rapacious plunderers. (Simmons, 10-12)

Numa carta que envia aos pais (18-07-1809), Simmons recorda a estada em Lisboa, abordando muitos dos tópicos que o diário de Hobbouse contemplaria, nomeadamente a superioridade britânica:

I felt much disappointed with the place, as a stranger seeing the town at a distance would conceive it a beautiful city; but on a nearer view you find out all its imperfections. Elegantly-built houses, without windows or curtains for them, and as dirty as possible; some few exceptions to this, I allow. The people in general are dirty in the extreme, their houses never whitewashed, and, stink worse than an English pigsty. All the nastiness is thrown out of windows in the evening, and, having no scavengers to sweep the streets, you may judge the state of them in some measure; and in hot weather it is very offensive to the nose of an Englishman. I went to see several churches, which afforded me some amusement and excited my pity, to see a people, through ignorance and gross superstition, duped by a set of worthless priests under the plea of religion. I dined at an English hotel, and afterwards went to the opera. The dancing was too indelicate to give pleasure; at least I felt it so, and blessed my stars I was an Englishman. The Portuguese ladies seemed to enjoy the performance with great rapture, which must make a Briton turn from them with disgust, and awake in the soul those refined sentiments for delicacy and virtue which characterise our British dames; and at all public entertainments a man possessing any degree of feeling for the honour of the sex, must be disgusted with such immodest performances. (Simmons, 14)

As referências a frades e freiras, bem como as visitas a conventos e mosteiros demonstram a curiosidade dos ingleses perante paisagens religiosas há muito desaparecidas na Inglaterra protestante, explicando também as frequentes menções a religiosos no diário de Hobhouse. Simmons afirma sobre a sua estada em Santarém:

a large town situated in the interior of Portugal. I was tired, but curiosity led me all over the town, and, wandering from one place to another, I found myself in a nunnery. The girls said I was a Portuguese, as I was very much tanned by the sun (the officers joke me frequently upon the same subject). After amusing myself at the gratings with the nuns, and receiving some little presents, I left them and went to a convent of friars. I supped with the grand priest; several monks were also present. I then went to the play. (Simmons, 15)

Os entretenimentos dos ingleses e até a rotina – nomeadamente a ida ao teatro e à ópera, que também *Lady Holland* refere,⁹ bem como as visitas a instituições religiosas – são, portanto, os mesmos para a maioria dos visitantes anglófonos, estabelecendo-se um interessante diálogo intertextual entre estas obras e que caracteriza a escrita de viagens. Aliás, até os portugueses que esses viajantes vão conhecendo à vez são os mesmos, nomeadamente o senhor Quintanilha, que Hobhouse e *Lady Holland* (246) mencionam, fornecendo ambas as narrativas as mesmas informações. Simmons descreve ainda a paisagem humanizada de Portugal enquanto palco de guerra, onde, tal como em Espanha, impera a pobreza:

We are often troubled to procure water; I always make a practice of carrying a supply for myself (...). Wine is very cheap, but bad. The French have carried away or eaten up all before them, and we often pass through villages entirely deserted by the poor unfortunate people. Sights of this kind

9 Em 4 de Janeiro de 1809, *Lady Holland* escreve no seu diário sobre a ópera de Lisboa: “the singing is not so good as at Oporto, the dancing better. Slende audience”. No dia seguinte, a diarista vai ao teatro e afirma: “Went to the National Theatre, where complimentary songs to the English and Portuguese were sung”, (Holland, 244-245) tal com Hobhouse descreve no seu diário.

will become habitual as we enter Spain (...). The French in some towns in Spain have murdered numbers of the inhabitants, and plundered the rest. (Simmons, 16)

Em 1811, o tenente William Bragge descreve igualmente a Lisboa que se vê ao longe, do barco, e a urbe visitada, de perto: "the entrance to Lisbon is truly grand and Beautiful, it being built on Seven Hills rising from the Water's edge and every Building retaining its original colour of White. Here ends the Beauty of Lisbon, for on setting Foot on Land you are almost overcome with the Stench, every Filth being thrown into the street." (Bragge, 7) Numa lista de curiosidades sobre a capital portuguesa, também Hobhouse refere os resíduos urbanos domésticos que são comidos por cães, ou seja, o diário ocupa-se das práticas quotidianas da população: "Dogs in Lisbon numerous – 10,000 killed by the French – people angry thereat as they lost their scavengers." (Hobhouse, 11) Mary Hamilton Bruce, *Countess of Elgin (née Nisbet)*, que visita Lisboa, em 1799, a caminho de Constantinopla, também refere a sujidade que observa e cheira em Lisboa assim que vai do barco para o hotel: "We landed late last night. The filth and stink of this place you can form no idea of. All I have ever heard falls short of the reality." (Fergsun, 7) Para entendermos a preocupação do diarista com a higiene em todas as estalagens onde pernoita, atentemos nas inquietações da população da Londres do início do século XIX:

the worst types of filth (...) were human excrement; mud on the streets; and 'dust' (cinders and ash from coal fires). In the eighteenth century, their disposal had been less problematic (...). The sheer volume of refuse produced by Londoners began to outstrip any possible demand (...). Simply finding somewhere to put the mess became a problem. Nineteenth-century Londoners also grew increasingly apprehensive about the health risks associated with dirt. This heightened awareness is generally associated with the 'sanitary movement' of the 1840s – when public health reform became the subject of intense national debate – but its roots go further back. Doctors at the London Fever Hospital were attempting to organize systematic cleansing of the slums, to eradicate typhus, as early as 1801. (Jackson, 3)

Basta recordar a *slum fiction* britânica de finais do século XIX, ou o poema “A Description of a City Shower” (1710), de Jonathan Swift, que refere a “Filth of all Hues and Odours” que fluem através das ruas, deixando tudo “drench’d in Mud”. (Swift, 93) O crescimento de Londres com a industrialização faz com que o saneamento e a higiene se tornem preocupações vitorianas por excelência, e Hobhouse e Byron estavam quer a constatar um facto e a criticar os portugueses, quer a fazer eco de uma realidade e de uma preocupação que se faziam sentir por toda a Europa. Em geral, o lixo é visto como algo simultaneamente material e imaterial, que desaparece, por exemplo, em Lisboa, quando os cães o comem. Mas essa medida gera uma outra contrariedade, o crescimento do número de cães na cidade, que se torna um problema de saúde pública. No entanto, apesar do espanto do autor, também as ruas de Londres do início do século XIX estavam repletas de cães e cavalos,¹⁰ e, se a obra de William Rathje e Cullen Murphy, *Rubbish! The Archeology of Garbage* (1992) recorda que o estudo arqueológico das lixeiras revela aspectos do quotidiano e das práticas culturais das sociedades que produzem o lixo – que, por sua vez, se torna um vestígio histórico/arqueológico, no caso do diário e de *CHP* –, esse problemático lixo urbano torna-se, através destas obras, também um vestígio literário.

A hospedeira da estalagem em que Byron e Hobhouse pernoitam em Sintra é uma “mulier Hibernica garrula ebriosa immunda iniquissimam”, (Hobhouse, 6) e já em Montemor e em Elvas o viajante queixa-se das más instalações das estalagens, enquanto, em Arraiolos, elogia a limpeza do estabelecimento e das funcionárias, para, logo depois, a caminho de Elvas, referir os muitos fontanários que existem em Portugal. O lixo, a sujidade e os rituais que utilizamos para nos livrarmos destes fazem parte do quotidiano, e as nossas ideias sobre lixo e limpeza estão intimamente relacionadas com conceitos de etnia, classe, género e sexualidade, e enfatizam relações sociais¹¹ e

10 Consulte-se, por exemplo, o estudo de Ritvo (106).

11 Campkin e Cox concluem que “scientific definitions of ‘dirty’ and ‘clean’ are produced within particular historical and cultural contexts, rather than standing as objective truths (...). The strength of emotional reactions to perceived dirt and emotive prompts to clean are not new.” (1-2) De acordo com Forty (161), a sujidade e o lixo eram simultaneamente um problema moral e físico. Veja-se também Vigarello 1998.

entre nacionalidades, como se verifica no caso de Hobhouse e Byron, que (d)escrevem o Outro português, sobretudo o economicamente desfavorecido, como sujo, quando essa realidade também existia na Grã-Bretanha. Há, no entanto, um contraste entre a imagem da degradação social e pessoal e a falta de cuidados pessoais no espaço urbano da capital e o ambiente edénico (e até pastoral) dos arredores campestres, nomeadamente o Alentejo, e, em especial, Sintra. A estética da sujidade e da limpeza está, assim, ao serviço da representação negativa dos portugueses em tempo de guerra, como também acontecerá com a caracterização dos espanhóis. A comida é obviamente escassa e a pobreza generalizada, pelo que é difícil encontrar conforto num espaço que é teatro de guerra e de sacrifícios por parte da população. O realce da falta de limpeza é uma forma de o visitante exotizar o Outro e de se distanciar e de se assumir simultaneamente como superior e privilegiado face à realidade que observa e regista. Como refere um estudo sobre representações de Lisboa por soldados ingleses nessa altura:

so many of the sights, smells, sounds and tastes of Lisbon were unrecognizable, threatening their bodies and their shared sense of what it be meant to be civilized and to be British. Shocked by the unfamiliar, they retreated into their own value systems. The more they proclaimed their disgust, the more they asserted their own refinement (...). Writing in the early eighteenth century Joseph Addison had stressed that cleanliness was a marker of politeness and Godliness. Over the course of the century, filth was increasingly perceived as a threat to health, social order, morality and civility. Elites and the bourgeoisie championed these ideas, associating dirt with poverty and plebeian culture. In soldiers' accounts of Lisbon, officers and enlisted men alike shared in the repugnance. The British army was an institution that prided itself on maintaining clean and bright uniforms and appearances. (Daly, 467)

O autor do artigo conclui ainda que esta visão repugnante acerca de Lisboa – cidade então considerada, pelos britânicos, um espaço na periferia da Europa “civilizada” – demonstra o “hold that prevailing

British cultural values – about cleanliness, manners, respectability, work, Protestantism and civilization – had over the constituent members of the army; and in turn, how the army itself acted as a national crucible for forging common experiences, memories and identities (...) the British generally considered themselves to be in a primitive and, at times, savage world, on the margins of civilization.” (Daly, 481) Hobhouse revela a mesma atitude em Lisboa, onde apenas o bairro de Buenos Aires parecia ser asseado, e é exactamente nessa zona que os ingleses pernoitam e residem, isolados numa “pequena Inglaterra” de classe média alta.

No século XIX, vários autores defendiam que os miasmas, ou gases que emanavam de matéria orgânica em decomposição, provocavam doenças, logo o lixo seria facilmente associado, pelo leitor inglês à decadência do corpo e da mente (colectivos), pois para Ruskin e outros vitorianos, a poluição era “a sign of multiple disorders at the level of both the individual and the social.” (Danahay, 68) Os estereótipos produzidos e mantidos pela literatura protestante para representar o Outro católico (descrito, por vezes, quase como *abjecto*) encontram-se presentes na obra de Hobhouse e, nalguns casos, veiculam a realidade observada, que é também influenciada pelas leituras anteriores do autor sobre Portugal e outros espaços católicos, ou não fosse a escrita de viagens altamente influenciada pelo fenómeno da intertextualidade, como já referimos. As descrições de frades lusos a interagir eroticamente com mulheres é negativa, tal como a conduta de muitas mulheres casadas que se prostituem com o consentimento dos maridos, e, se Julia Kristeva desenvolve o conceito de “espaços do *abjecto*” para se referir a uma combinação de reacções morais, físicas e psicológicas que operam a vários níveis e são espacializadas (repulsa,¹² rejeição) para com a ameaça exterior (e, por vezes, interior),¹³ Shove defende que descrever pessoas ou práticas como limpas ou sujas não é uma tarefa socialmente neutral e ingénua, (Shove, 88) servindo a sujidade como classificador social, para reforçar valores

12 Sobre a repulsa, consulte-se Miller (1997).

13 Veja-se Kristeva, *apud* Buchli e Lucas (10).

vigentes e fronteiras sociais, (Campkin e Cox, 5-6) culturais e nacionais. Como recorda Cohen, “filth represents cultural location at which the human body, social hierarchy, psychological subjectivity, and material objects converge. Standing at a theoretical crossroads, filth is at once figurative and substantive”, (viii) e no diário de Hobhouse esse tema serve para caracterizar e exotizar negativamente a população da capital portuguesa, embora se apontem exemplos contrários a essa generalização, por exemplo as empregadas das estalagens alentejanas. No caso de Hobhouse, essa temática da sujidade marca (e até destaca e sublima) o estatuto superior do autor em termos de género e de classe social, pois ele tece juízos de valor apenas possíveis a quem detém o poder e se serve da estética e da retórica da sujidade para o exercer e exhibir, seja perante compatriotas ou estrangeiros.

A preocupação com a higiene é legítima, no entanto, quando o discurso a exhibe frequentemente, esta torna-se um *topos* que também pretende ajudar a encenar (discursivamente) a identidade pessoal e a *persona* pública do autor, que nada nos rios Tejo e Caia e que pode pagar a quem lide com as tarefas manuais e limpe a sua sujidade doméstica, distante dele, exigindo (ainda) limpeza e criticando amiúde a falta dela. Esse critério (civilizacional) serve até para legitimar o acto de civilizar outros povos, mais que não fosse como metáfora para a exploração económica, e a Grã-Bretanha é acusada de o fazer, inclusive por alguns dos seus cidadãos, logo na altura da Guerra Peninsular, em Portugal e Espanha. O lixo, que era efectivamente uma realidade, assume, também uma função simbólica e retórica ao longo da obra, muito para além da sua materialidade e existência como elemento da paisagem portuguesa descrita pelos viajantes. Como recorda Cox, ao referir a importância da sujidade e da limpeza na construção de relações sociais, a organização do trabalho doméstico pago ilustra claramente a forma como a sujidade (e ter uma casa limpa por empregados) pode funcionar como forma de classificação social: “employing servants was the primary indicator of middle-class standing in Victorian Britain and elsewhere (...). To remain ‘respectable’, the impoverished middle classes would struggle to keep a single servant. Those who could not even afford this

would attempt to disguise their situation and hide their labours, particularly those that involved the closest contact with dirt", (12) e encontramos esse mesmo "tíque" e *performance* nos escritos de Hobhouse relativamente às estalagens que vão sendo o seu lar, entre Lisboa e o Alentejo, passando por Sintra. Para além da preocupação real com a falta de higiene, essa atitude repetitiva (e o seu registo frequente no diário) poderá ser melhor entendida à luz da obra de Sambrook, (222) que, ao estudar os empregados de *country houses* inglesas, entre os séculos XVII e XIX, afirma que um dos objectivos da limpeza era demonstrar estatuto (luxo) numa altura em que "andar" limpo era difícil, e a função dos empregados era produzir essa limpeza também para exibir a posição do patrão na sociedade e no mundo. Não era apenas o poder de ter empregados que gerava estatuto, mas também o resultado do trabalho deles, e, regra geral, os pobres não tinham as mesmas condições domésticas que os seus patrões. Aliás, nem tinham escolha, e, como recorda Cox,

being able to maintain a distance from the dirt, which was everywhere, both inside and outside houses, was something that was only possible for the privileged few. The relationship between dirt and social status is an aspect of domestic labour that is rarely mentioned today. However, much paid domestic labour (like its unpaid counterpart) still reflects differences in status. Having a beautifully kept home and time for leisure can be an indicator of high status for the owner; being actively involved in dealing with dirt means low status for the worker who does it. (12)

Ou seja, tal como os empregados em Londres, também as estalajadeiras, os guias e outros ajudantes no continente europeu funcionam como "status giver, [and] myth maker[s]" relativamente aos patrões Byron e Hobhouse, para usarmos a eficaz expressão de Anderson. (124) A auto-caracterização de ambos os autores nos seus escritos reforça esta mesma leitura, que se estende ao uso do latim no diário (enquanto *performance*), uma outra estratégia de auto-enaltecimento. Ao longo do discurso autobiográfico do *Self* (que é sempre encenado), os autores (d)escrivem a materialidade da sujidade e da inferioridade

do Outro. A literatura de viagens, a diarística e a autobiografia assumem-se como registos subjectivos e pessoais da realidade que circunda o escritor, e o que é filtrado/representado e a forma como o é depende também do estado de espírito do observador e daquilo que ele privilegia e decide comentar. Por exemplo, o major inglês Henry Mackinnon, que esteve em Portugal durante a Guerra Peninsular (na mesma altura de Hobhouse), opta, perante as mesmas paisagens, por se deter sobretudo nos aspectos positivos, como o clima excelente,¹⁴ embora refira os edifícios em ruínas, a pobreza e a falta de alimentos, normais em período de guerra, (Mackinnon, 2-3) não deixando de criticar alguns grupos sociais: “the country is rich, the agriculture good, and the people intelligent. Much might be done in this country if they once get rid of their monks, and their government, both of which we are come to support (...). The inhabitants, who are a fine race of people, at least the men, we saw little of the women.” (Mackinnon, 7, 17) Há, portanto, obviamente, uma diferença na forma de perceber e de representar (subjectivamente) a mesma paisagem humanizada portuguesa nos diferentes autores que visitaram o país durante a Guerra Peninsular. Como conclui Schülting, num estudo recente sobre a representação (estética) da sujidade no imaginário vitoriano,

Dirt in nineteenth-century texts is thus almost always a marker of class, and frequently also of race, suggesting not only physical labour but also dark skin colour, uncivilized habits, immorality, and the neglect of homes and personal belongings. The dirt of Victorian London threatened to infect middle-class bodies with the diseases of the poor (...). Dirt in nineteenth-century texts constantly slides between references to its materiality on the one hand and its metaphorical implications on the other, between a gesture to the world of pure matter and the rhetorical use of the term as a means of social rejection. (6-7)¹⁵

14 “and myself are lodged at this place, in a house without furniture or window frames; but hi this delicious climate neither are wanting”. (Mackinnon, 2)

15 Vejam-se também Trotter (2000) e Allen (2008).

O binómio “espaço rural como puro e limpo (Sintra, Alentejo) vs. o espaço urbano decadente e sujo” (Lisboa) é ainda reforçado pelo festim dos sentidos que a viagem e o confronto com a nova realidade proporcionam ao diarista. No dia 21 de Julho, a narrativa íntima refere as laranjas que os amigos comem, fruto raro na Inglaterra que sugeriria, ao leitor, sabores e aromas distantes. Hobhouse menciona também as plantas e os arbustos aromáticos que ladeiam os caminhos perto de Montemor, elemento olfactivo da paisagem que contrasta com o lixo que se acumula em Lisboa. Num estudo sobre o olfato, Drobnick estende o conceito de *soundscape* (sons presentes numa obra) para o campo da *smellscape* ao afirmar: “soundscapes consist of sound events, some of which are soundmarks (compare landmarks). Similarly, smellscapes will involve smell events and smell marks. ‘Eyewitness’ is replaced by ‘earwitness’ and ‘nosewitness’. Visual evidence becomes hearsay and nosesay. The heightening of visual perceptions becomes ear-cleaning and nose-training.” (Drobnick, 92) Já Tuan (1979) e Porteous (“Smellscape”, 356-378; *Landscapes passim*) têm estudado a dimensão olfativa da experiência geográfica, e este último utiliza o termo *smellscape* para aludir à dimensão geográfica de determinados aromas: “the concept of smellscape suggests that, like visual impressions, smells may be spatially ordered or place-related.” (Porteous “Smellscape”, 359) No diário de Hobhouse, esses aromas aproximam a paisagem rural de um cenário pastoral idílico. Se os cheiros veiculam também a preocupação higiénica do autor, a paisagem olfativa pode ser entendida como o conjunto de aromas associados a pessoas, locais ou estímulos exteriores que intensificam a descrição da paisagem visual, (Relph 1976; Engen “The Origin of Preferences”, 263-273; Engen *The Perception of Odors*) como acontece na narrativa intimista de que nos ocupamos. O mesmo acontece relativamente à *soundscape*, ou paisagem acústica, pois, logo no primeiro contacto com Lisboa, a atenção do autor, numa caleche, dirige-se para um grupo de ruidosos jovens que conduzem burros e pretendem fazer dinheiro à custa de turistas. As paisagens olfativas e auditivas são, portanto, análogas à paisagem visual e remetem para a informação geográfica percebida em conjunto pela visão, pela audição

e pelo olfato, que, por sua vez, auxiliam o viajante a localizar-se a si mesmo e a terceiros no espaço.

A simplicidade rural é veiculada através de uma outra paisagem, a culinária (*foodscape*). Se as refeições em Lisboa são momentos de convívio com ingleses, nomeadamente soldados, na Estalagem Inglesa (de Barnwell) – (Hobhouse, 2-3, 6-7, 9) ou “Anglicano Diversorio”,¹⁶ na Rua do Sacramento (talvez no n.º 25), no bairro de Buenos Aires – sem que a comida (decerto melhor e mais ao gosto inglês) seja identificada, nas estalagens campesinas, onde decerto há mais necessidades económicas, os alimentos são enumerados para auto-caracterizar os viajantes como aventureiros que sofrem privações e chegam a comer almoços “frios”, como acontece no dia 20 de Julho. Se Ohnuki-Tierney defende que a comida é “a unique metaphor of the self of a social group (...) when each member of the social group consumes the food, it becomes a part of his or her body. Thus this important food becomes *embodied* in each individual and functions as *metonym* by being part of the self”, (244) Fischler afirma que a identificação de comidas é um elemento chave na construção da nossa identidade, “finally, because identity and identification are of both vital and symbolic importance, man has ‘invented’ cuisine”. (277) Por exemplo, em Montemor, a ceia consiste em peras e laranjas, refeição que veicula, mais uma vez, a pobreza generalizada, sobretudo no campo, durante a guerra. A caminho de Sintra, Byron, Hobhouse e Marsden comem, numa estalagem, cerejas, pão e queijo, e bebem três jarros de vinho, indicando o diarista o montante (30 dinheiros) (Hobhouse, 3) que pagaram por uma refeição básica, semelhante às restantes que o diário elenca ao longo da estada em Portugal. A culinária assume-se, assim, como uma actividade social e identitária, proporcionando o paladar experiências associadas a determinadas paisagens nacionais (“gastronacionalismo”, “nacionalismo culinário”), (Ichijo e Ranta, 1-60) como acontece com as laranjas, o queijo e o vinho tinto portugueses. Ao visitar Sintra, Hobhouse informa ainda

16 No dia da sua chegada, 7 de Julho, Hobhouse refere a “Anglicano Diversorio (Branwell’s Buenos Ayres)”, que talvez seja a mesma estalagem onde também William Hickey se alojara em 1782. (1809, 1)

que “prandium Cintrae cum clericis tribus Scoti”, (Hobhouse, 3) e relativamente ao pitoresco Convento dos Capuchos, também conhecido como Convento da Cortiça, descreve a severa conduta (culinária) dos frades: “nec carne neque vino utuntur, flagellis se secant”. (Hobhouse, 4) Na capela subterrânea, o abade canta-lhes alguns salmos depois de uma refeição simples que consiste em alimentos enumerados pelo autor: pão, vinho, queijo e laranjas, sendo as refeições sempre períodos de convívio, descanso e de partilha entre ingleses e portugueses, ou espanhóis, como aliás revela a primeira imagem do grupo no primeiro jantar já em Espanha, a comer de uma só tijela, “as usual”. (Hobhouse, 15) Se a “estética da sujidade” auto-caracteriza os viajantes e os distancia da paisagem que descreve, a paisagem culinária reforça a imagem dos excursionistas quase como “mártires” que atravessam penosa e corajosamente um país em guerra e são afetados pela pobreza generalizada.

No Alentejo, as dispendiosas refeições consistem em ovos, peixe, limonada, vinho tinto, fruta de má qualidade e café e leite de boa qualidade (pequeno-almoço), estando a enumeração e a repetição (de alimentos e bebidas como ovos e vinho) ao serviço da representação da cor local de um país empobrecido pela guerra, onde os bens essenciais escasseiam. Já os apontamentos isolados sobre a qualidade da comida (leite e fruta) espelham as preocupações dos viajantes e sugerem que Hobhouse planearia utilizar essas notas para publicar um relato-guia de viagem. A onerosa estalagem de Elvas não vende comida, nem vinho, e o empregado português, Sanguinetti, consegue comprar uma galinha que confecciona para os patrões, deixando Hobhouse uma sugestão para futuros viajantes que invoca a paisagem gastronómica, o paladar e os hábitos alimentares do Alentejo de então, do ponto de vista de um inglês: “N.B. it is perfectly necessary to have a man with you who can cook a little, as when there is anything to eat the people always spoil it with stinking oil and salt butter”. Os temas dos requisitos mínimos que os empregados deverão cumprir, do preço elevado das refeições e das burlas por parte dos empregados, todos presentes nos diário de Hobhouse, fazem parte da “poética temática” da escrita de viagens britânica sobre Portugal e serviam

para auto-caracterizar os “cívicos” viajantes-autores como detentores de um poder que lhes advinha da sua classe social, da sua educação e do seu poder económico.

As refeições pautam o tempo cíclico quotidiano e prendem a atenção do diarista. Um pequeno-almoço em Elvas, já a meio da manhã, permite aos dois viajantes apreciar “the best French bread in Portugal for three ventins (about threepence-halfpenny) at a Casa de Caffee (which is the best thing to do here)” e comparar estabelecimentos comerciais portugueses e ingleses: “(The shop is like an English small huckster’s shop and you eat on the counter).” (Hobhouse, 15) Trata-se de mais uma nota útil para um hipotético guia de viagem. Curiosamente, na revista *Panorama*, de Janeiro de 1856, encontramos uma referência ao “Café do Thomaz”¹⁷ em Elvas, que vende doce das Freiras de Santa Clara, e que talvez possa ser o estabelecimento referido por Hobhouse. Relativamente ao café, o diarista detém-se nas instalações e na clientela, com quem terá interagido, inclusive (possivelmente) com uma prostituta,¹⁸ que terá beijado, como revela uma irónica metáfora através da qual ele associa o sagrado ao profano: “kissed a saint here for sixpence.” (Hobhouse, 15) Ou seja, o diarista confessa eufemisticamente que beijou (e/ou manteve relações sexuais) com uma santa (prostituta) por seis dinheiros, possivelmente uma insinuação erótica e, em simultâneo, uma referência irónica ao hábito católico de “venerar” estatuetas de santos, algo que um protestante decerto não pagaria para fazer.

Tratando-se de Portugal, um país católico, o latim faria, no imaginário do autor, parte da paisagem sonora (*soundscape*) nacional. Os dois viajantes escolhem visitar, apreciar e referir práticas, espaços e objectos culturais e religiosos como monumentos, mosteiros, livros, a par dos pecados dos frades e de aspectos menos positivos da sociedade portuguesa que é observada à distância:

17 V.Torres (1856, 2) que, em 1861, publicaria esse texto em *Lendas Peninsulares*. (1861, 89- 94) A página 94 refere o anónimo “café do T...” e a “casa de pasto”.

18 Sugestão (sem explicação) de Peter Cochran na sua transcrição do diário: ao editar a secção do diário de Hobhouse dedicada a Espanha, Cochran afirma que, em Gibraltar, o diarista talvez sofra devido a uma doença venérea, fruto de encontros sexuais durante a viagem. (Hobhouse, 15)

die Sabb. nulla digna memora u aut pran m balneum cessi in Tago
 – victus omnes emendi in Olysi hae die. prand cum Marsdenio Swanio,
 milite qui mira nobis de vitiis monachorum cum pueris dicebat: iterum
 in Rua dos Condes Theatrum – ubi saltationes Ibericæ magis magis lascivi
 plaudente iterum populo – personæ statuæ¹⁹ bene acta = nox ad Buenos
 Ayrei. (Hobhouse, 15)

Se, por um lado, influenciado pela literatura protestante, Hobhouse demoniza e carnavaaliza os frades católicos, o universo da educação, das bibliotecas, da arte e da literatura estaria obviamente associado à Igreja. Daí que os dois viajantes visitem conventos e procurem falar com religiosos em latim, demonstrando interesse por interiores de igrejas católicas e por arte sacra, ao visitar vários monumentos onde ainda residem frades. Esse imaginário conventual tinha sido, como referimos no início, recriado em festas que Byron e Hobhouse organizaram em Inglaterra, durante as quais se carnavaalizavam procissões de frades. Aliás, como revela o excerto que acabámos de citar, no dia 9 de Julho, os amigos jantam com um soldado que lhes relata “crimes” de frades com rapazes, insinuação de cariz sexual que se estende a uma outra entrada do diário em que religiosos brincam lascivamente com uma mulher no interior de uma igreja, ou seja, o imaginário sexual que a literatura protestante utiliza para demonizar o Outro católico acaba por ser retomado e rentabilizado no diário de que nos ocupamos. Desde o século XVI que os católicos são considerados inimigos dos interesses e do progresso da Inglaterra,²⁰ fazendo esses “definitional others” (Parker *et al.*, 5) parte do imaginário literário coevo, (Dolan *Whores*; Dolan “Why Are”) sobretudo nas obras que constituem o fenómeno literário a que Shell chama *imaginative writing* protestante. (Shell, 1-2) O desconhecido frade católico exerce um determinado fascínio nos viajantes ingleses, que tentam falar latim com esses religiosos, enquanto descrições como o episódio dos frades

19 *Poses Plastiques (Moving Statues)*. Byron e Hobhouse assistem a um bailado semelhante, em Malta, nos dias 10-12 de Setembro.

20 Sobre o papel do anti-catolicismo na formação da identidade nacional inglesa, vejam-se Colley (309-329), Marotti (2005), Shell (2006) e Corens (2011).

com a vendedora no interior da igreja carnalizam a vida e a fé dos católicos. Trata-se também de demonizar o Outro religioso através das temáticas da misoginia, do erotismo e de outros estereótipos, (*Underdown*, 62; *Dolan Whores*, 6-10) pois, conforme as freiras e os frades foram desaparecendo da sociedade inglesa, imagens distorcidas apareceram gradualmente na literatura e na iconografia anti-católica inglesa, que as mantinham e divulgavam.

Quando visita o Mosteiro dos Jerónimos, o diarista descobre que aí residem 50 monges, conhecendo dois deles, que não entende, pois os frades nem latim falam. Em Portugal, os jovens viajantes têm, pela primeira vez, acesso a espaços religiosos católicos que serão novidade total, pois não existem na Grã-Bretanha, e o encontro-confronto com os religiosos faz, assim, parte do fenómeno do *dépaysement*, que é fruto do primeiro contacto com a Europa católica do Sul. Nesse mesmo mosteiro, o diarista refere que lhe é mostrado o cadáver do rei D. Afonso, tratando-se, decerto, do cadáver de D. Afonso VI. Sobre os restos mortais do monarca, informa Simão José da Luz Soriano, no século XIX:

Lê-se também n'um escripto contemporaneo [*Memorias para a Historia de El-rei Fidelíssimo, o Senhor D. Pedro V*, de Francisco António Martins Bastos], que no anno de 1819 foi ao real mosteiro de Belem o nuncio apostolico visitar o cadaver de el-rei D. Affonso VI: "Aberto o caixão, encontrou-se perfeitamente conservado (...), e como se houvesse fallecido ha pouco tempo (...). Esta foi a primeira vez, ao que parece, que se abriu o caixão (...). Sendo administrador da casa pia (...), Antonio Maria Couceiro (...) mandou vestir o real cadaver de novo, o que tambem se fez quando foi trasladado para S. Vicente" [1855]. (66-67)

Apesar de o excerto do documento português afirmar que o sepulcro de D. Afonso VI foi aberto pela primeira vez em 1818, o relato de Hobhouse revela que a prática de mostrar o cadáver a visitantes do Mosteiro era já frequente antes dessa data.

Os espaços sacros são também representados como invadidos e espoliados pelos franceses, ou seja, o local sagrado serve também o

propósito de caracterizar os profanadores inimigos, que nada respeitavam. Por exemplo, no Convento de Mafra,

ubi monachorum ante incursus Gallorum olim 150, nunc triginta – bibliotheca ampla et selecta tribus verò exceptis nullos Anglicanos continens libros – scrutatus est fratum unus, anne ulli fuerint in Brittaina libri (Gronovius et Horatius Pini) prandium Cintrae cum clericis tribus Scoti. Simmons Turner cis nox cintræ. (Hobhouse, 3)

Também Byron, numa missiva para a sua mãe, refere o Convento de Mafra e o diálogo que estabelece em latim com os frades que aí residem: “the monks who possess large revenues are courteous enough, and understand Latin, so that we had a long conversation, they have a large Library and asked if the *English* had *any books* in their country.” (Byron *Letters*, 150) No dia 14, os dois viajantes visitam o Convento de Jesus da Ordem Terceira de São Francisco para admirar a famosa biblioteca que actualmente integra a Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa (Série Vermelha).²¹ O diário regista:

Placam de commercio naviquim querens cum B in curriculo – inde ad Conventum Jesûs – illic olim fratres 80 nunc 50 quorum unus pater de Souza septem legit et intelligit linguas Orientales. A monk who spoke a little French attended us, and showed us the curiosities. The church, the library, which is most magnificent and contains a fine collection of books, two of which only are English. *Travels in Portugal*, and Sir Isaac Newton’s works, whose head together with that of John Locke is placed amongst the other busts that adorn the room. (Hobhouse, 3)

Conforme refere esta primeira entrada mista do diário, redigida em latim e inglês, a língua francesa serve para comunicar com religiosos lusos, que também dominam línguas orientais, informação que remete para os estudos pioneiros sobre o Oriente desenvolvidos em Portugal

21 A Série Vermelha é composta por 24.174 volumes impressos e 980 volumes manuscritos da biblioteca dos frades da Ordem Terceira de S. Francisco, bem como por alguns documentos do cartório do convento.

desde o século XVI, sobretudo pelos Jesuítas, e para a presença colonial lusa nessa parte do globo terrestre. Já a obra inglesa que Hobhouse afirma existir na Biblioteca do Convento de Jesus (*Travels in Portugal*), poderá tratar-se de *Travels in Portugal; through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo, in the Years 1789 and 1790: Consisting of Observations on the Manners, Customs, Trade, Public Buildings, Arts, Antiquities, &c. of that Kingdom Buildings, Arts, Antiquities, &c. of that Kingdom*, de James Murphy, publicada em 1795, e que actualmente não se encontra na biblioteca da instituição. A “Livraria” do Convento foi enriquecida, até 1777, por Frei Manuel do Cenáculo, enquanto foi seu responsável até ir ocupar a mitra de Beja. A Biblioteca serviu, em parte, para apoio de actividades da Aula Maynense, criada pelo Padre José Mayne, em 1792, em colaboração com a Academia, fundada em 1779. Daí que, como informa Hobhouse, seja rica em obras de carácter científico, por exemplo, de Kepler, de Newton e de Lineu. Não admira, portanto, que o diarista se detenha longamente na visita e no conteúdo da biblioteca que os franceses danificaram e que, após o saque, já não se encontra aberta ao público. Mais adiante, ao listar curiosidades sobre Lisboa, o diarista informará que os livros franceses dos conventos foram atirados ao chão, como sinal de desprezo pelos invasores, sendo simbólicas e significativas as diversas referências anti-francesas ao longo da narrativa. São, assim, várias as temáticas que se relacionam e intensificam para representar a sociedade portuguesa, que o autor observa (com limitações culturais e religiosas) e filtra ao decidir contemplar apenas determinados elementos e práticas, pelo que as questões da focalização ou do ponto de vista e dos interesses ou predisposições de quem (d)escreve são de suma importância ao estudarmos a escrita de viagens.

A rotina diária é, obviamente, um tema comum na escrita diarística, e Hobhouse refere os momentos de descanso, os horários das refeições, ou a ida à Baix, com Byron, para cambiar libras, cobrando-lhe o comerciante Bulkeley²² – que também, em 1812, o duque

22 No final do século XVIII, comercializava em Lisboa (entre Portugal, a Grã-Bretanha e os Estados Unidos da América) a firma John Bulkeley & Son, pertença do inglês John Bulkeley, com sede no número 35 da Rua do Alecrim, que emprestava dinheiro a outros comerciantes, mas era conhecida pela sua má conduta profissional. John Bulkeley orquestrou um golpe contra outros comerciantes, os irmãos Dohrman. (Ribeiro, 341-343, 634)

de Wellington (Wellington, 76-78) e *Lady Holland* (242-244) referem²³ – treze libras de comissão para trocar cem libras: “cum gubernatore navis Kidd comitante amic. B[yro]n ad mercatorum Bulkely qui nobis multa gementibus e centum libris *sterlinis* tredecim pro mercede cepit.” (Hobhouse, 2) Os amigos vão também várias vezes ao teatro, que, de início, desagrada a Hobhouse (“pedes ad Thatrum tria millia passuum ivi frustra”). (Hobhouse, 1) Ao dirigirem-se ao teatro da Rua dos Condes, o autor tece novos comentários sobre as peças a que assistem: “Theatrum – sentimental comedia – God save the King – variater cantatum – saltûs cum motibus Jonices Anglicanis oculis minime aptota”, e, no dia seguinte, “iterum in Rua dos Condes Theatrum – ubi saltationes Ibericæ magis magis lascivi plaudente iterum populo – personæ statuæ bene acta.” (Hobhouse, 2)

Um outro tema interessante do diário, que caracteriza o espaço social e militar visitado, é a presença de tropas inglesas em Portugal (desde 1808) no âmbito das Invasões Francesas. Por exemplo, no dia 10 de Julho, “tardior suri milites in parco propinquus Anglicanos duce Crawford²⁴ in ordine spectavi comitante Marsdenio”, (Hobhouse, 3) referência que recorda o poder militar britânico na Europa e reforça representação da dimensão e a esfera masculinas da obra. Estamos, assim, perante a representação da geografia da pobreza e da guerra, e não será por acaso que Bennett afirma, talvez exageradamente, na sua antologia *British War Poetry in the Age of Romanticism*, “war was the single most important fact of British life from 1793-1815”, (Bennett, ix) e, portanto, afectou toda a população e influenciou a produção literária e a cultura visual românticas,²⁵ como o diário de Hobhouse demonstra. Aliás, Cookson defende que “the Napoleonic mobilization for national defence was undoubtedly the greatest ‘national project’ in Britain’s experience”, (261) e, nesse período, são inúmeras

23 Em Janeiro, a família Holland é alojada por Mr. Bulkeley e recebe, para jantar, esse comerciante e um outro, Mr. Bell.

24 O major-general Robert Crauford (1764-1812), conhecido como Black Bob devido às suas mudanças bruscas de humor, vem para Península em 1808, onde regressa em Junho de 1809, falecendo durante a Guerra Peninsular, em Espanha, em Janeiro de 1812. Quando Hobhouse observa as tropas de Crauford em Lisboa, estas tinham recebido cavalos, e juntar-se-iam, em 20 de Julho, ao exército britânico, em Zarza Mayor.

25 Vejam-se também Harvey (1981), Shaw (2000) e Uglow (2014).

as obras nacionalistas de propaganda pró-guerra (contra Napoleão) sobre a Península Ibérica publicadas na Grã-Bretanha. (*vide* Terenas 2010) As relações anglo-portuguesas e a textualização (da História) de Portugal por autores anteriores são invocadas intertextual e dialogicamente por Hobhouse através das referências quer a William Beckford, autor de *Vathek*, que residira em Monserrate, propriedade que Hobhouse visita com Byron, quer à assinatura da Convenção de Sintra (1808).²⁶ A própria identidade nacional inglesa é reforçada no texto através do exercício da comparação com o que é diferente e semelhante, e (apenas) os elementos positivos na paisagem portuguesa parecem ser sempre comparados aos ingleses, nomeadamente o café de Elvas, as planícies nas vizinhanças dessa cidade, comparadas às de Newmarket, e a estrada de Arraiolos, “a good English kind of road.” (Hobhouse, 14) Ou seja, o país de origem, como espaço de partida e da chegada final, permanece sempre um ponto de referência positivo e superior aos espaços de passagem, sendo a Inglaterra o espaço de chegada final da viagem (de regresso). Em 1816, Byron abandonaria a Inglaterra de novo, e não regressaria, pois viria a falecer na Grécia, em 19 de Abril de 1824.

À excepção de um pequeno furto, a viagem dos viajantes pelas estradas de Portugal faz-se sem perigo, por oposição ao espaço urbano da capital, onde os amigos são assaltados no dia 18 de Julho. Esse episódio enfatiza a representação negativa de Lisboa, que, enquanto um dos palcos da Guerra Peninsular, seria um lugar mais violento, empobrecido e, logo, também mais perigoso do que o habitual. Aliás, os perigos de agressão física e de roubo são inerentes ao turismo. Já Sintra é apresentada como uma localidade arcádica no meio do caos, um “alívio” no ambiente bélico. A violência, os banhos no Tejo e a coragem do acto de viajar em tempo de guerra servem também o propósito

26 Hobhouse refere o encontro com tropas inglesas e a tão criticada Convenção de Sintra (1808), que permitiu ao exército francês derrotado voltar para casa às custas da Grã-Bretanha, com os despojos de saques a museus, igrejas e a privados portugueses, e sem o compromisso de não voltar a invadir Portugal, dando à França a oportunidade de se reorganizar e regressar a atacar. Os militares franceses conseguiram, assim, transformar a sua derrota numa vitória diplomática, ao negociar um armistício e uma convenção favoráveis à França, como refere o estudo de Gravil, parafraseando e citando Byron: “Here folly dashed to earth the victor’s plume/And policy regain’d what arms had lost.” (Gravil, 17)

da representação da masculinidade, associada a esses mesmos temas (violência, desporto) e qualidades (coragem) exibidas pelos viajantes e enfatizadas pela escrita diarística, pois o autor é (auto-) caracterizado como alguém que corre riscos, chegando mesmo a continuar o passeio a pé, após ser atacado em Lisboa. Como é sabido, Byron é adepto do pugilismo, e quer ele, quer Hobhouse não são apenas observadores ou testemunhas da violência, mas também alvos dela, e essa dimensão da aventura corajosa decerto agradaria ao leitor que acompanha essas desventuras no conforto do lar, longe da guerra, no Reino Unido. A escrita de viagens retira grande parte da “vivacidade” desse tipo de façanhas e do *suspense*, estado ambos os autores conscientes dessa estratégia narrativa e, como recorda Woodcock,

the experience of *travelling* abroad in a military, colonial or exploratory expedition afforded many *writers* opportunities for constructing projections of a sense of self; the act of encountering the *dangerous* or unfamiliar occasioning a redefinition of subjectivity in the face of peril or otherness. Military narratives could literally be character-building. Martial selfwriting can encompass accounts of voyages and expeditions involving some form of conflict.²⁷ (161)

Os viajantes estão conscientes de que testemunham um momento histórico único (Guerra Peninsular), e o diarista desenvolve, em latim e inglês, cumulativamente a sua estética da violência associada à masculinidade, embora o faça como alguém que se encontra distante da realidade portuguesa, pois o choque inicial do continente em guerra faz-se obrigatoriamente sentir em Lisboa, o espaço do primeiro encontro com o Outro para ambos os amigos. Será, sobretudo, o Médio Oriente exotizado que interessa a Byron e a Hobhouse, tendo a paragem em Portugal sido um meio para chegar a esse “fim” geográfico e cultural. O diário representa, de forma subjectiva e fragmentada, mapas culturais e geopolíticos, funcionando o empregado português como guia, informante e fonte e segurança num universo católico, bélico no qual o viajante procura falantes (religiosos)

27 Vejam-se ainda Heale, 69-85 e Oakley-Brown, 69-72.

de latim, que associa ao Sul da Europa e ao catolicismo e que seria, a par do francês, a língua através da qual conseguiria comunicar com portugueses. O Portugal descrito por Byron e por Hobhouse faz parte do espaço europeu em guerra, instável e ameaçador, no qual Sintra e Maфра funcionam como oásis de paz quase arcádica num país católico descrito estrategicamente através da “estética da sujidade”. Na Europa visitada pelo diarista, a balança do poder está a mudar, pois a Grã-Bretanha torna-se uma potência industrial e colonial como consequência das guerras contra França. Aliás, o movimento (da evasão) do diarista rumo à Ásia exotizada acompanha os interesses económicos e coloniais da Grã-Bretanha de então, país que três décadas depois fundaria a sua colónia na China, Hong Kong (1841), e, mais tarde, o British Raj (1858), entre outras colónias no Médio Oriente. Como verificámos, o diário, que começa por ser redigido em latim, transporta para Portugal o discurso inglês da “modernidade higiénica” e enfatiza o choque cultural com a Europa do Sul, que é percebida através dos sentidos do viajante. A preocupação com a higiene, o exercício físico, a guerra contra a França e os cinco sentidos acentuam a experiência corporal/física da viagem e a observação atenta e espantada de novas realidades por parte de um jovem inglês, que se deixa espantar perante as paisagens culinária, monumental e religiosa portuguesas. Ao longo da narrativa íntima, observamos um *Self* a confrontar-se com o tempo histórico, com o presente e com o espaço Outros, recordando os seus comentários e apreciações que a identidade (pessoal e nacional) é também ideológica. Assistimos à fase inicial da escrita de viagens de Hobhouse e ao desenvolvimento da sua técnica literária perante o espanto da novidade, enquanto o diário nos apresenta um futuro político inglês a aprender a filtrar e a registar, em latim, o Outro católico num país “latino” empobrecido pela guerra.

Obras Citadas

- Allen, Michelle Elizabeth. *Cleansing the City: Sanitary Geographies in Victorian London*. Athens: Ohio University Press, 2008.
- Anderson, Bridget. *Doing the Dirty Work: The Global Politics of Domestic Labour*. Londres: Zed Books, 2000.
- Andrews, John. *Characteristical Views of the Past and Present State of the People of Spain and Italy. Addressed to the English Traveller*. Londres: C. Chapple, 1808.
- Beckett, John e Sheila Aly. *Byron and Newstead: The Aristocrat and the Abbey*. Newark: University of Delaware Press, 2001.
- Bennett, Betty T. (ed.) *British War Poetry in the Age of Romanticism: 1793–1815*. Londres: Garland, 1976.
- Black, J. *The British Abroad: The Grand Tour in the Eighteenth Century*. Stroud: Sutton, 2003.
- Bragge, William. *Peninsular Portrait 1811–1814: The Letters of Captain William Bragge*. Oxford: Oxford University Press, 1963.
- Byron, Lord. *Letters and Journals with Notices of his Life*. Ed. Thomas Moore, vol. 1. New York: J. Harper, 1830.
- . *The Major Works*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- Campkin, Ben e Rosie Cox. *Dirt: New Geographies of Cleanliness and Contamination*. Londres: IB Tauris, 2008.
- Cohen, William A. "Introduction: Locating Filth." *Filth: Dirt, Disgust, and Modern Life*. Ed. William A. Cohen e Ryan Johnson. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005. vii-xxxvii.
- Colley, Linda. *Britons: Forging the Nation, 1707–1837*. New Haven: Yale University Press, 1992.
- Cookson, J. E. *The British Armed Nation, 1793–1815*. Oxford: Clarendon Press, 1997.
- Corens, Lisbeth. "Catholic Nuns and English Identities. English Protestant Travellers on the English Convents in the Low Countries, 1660-1730." *Recusant History* 30.3 (2011): 441-459.
- Cox, Rosie. "Introduction [to section 1]." *Dirt: New Geographies of Cleanliness and Contamination*. Ed. Ben Campkin e Rosie Cox. Londres: IB Tauris, 2008. 11-14.

- Daly, Gavin. "A Dirty, Indolent, Priest-Ridden City: British Soldiers in Lisbon during the Peninsular War, 1808–1813." *History* 94.4 (2009): 461-482.
- Danahay, Martin A. "Matter Out of Place: The Politics of Pollution in Ruskin and Turner." *Clio* 21.1 (1991): 61–77.
- Dolan, F. E. *Whores of Babylon: Catholicism, Gender and Seventeenth-Century Print Culture*. Ithaca: Cornell University Press, 1999.
- . "Why are Nuns Funny?." *Huntington Library Quarterly* 70.4 (2007): 509-535.
- Drobnick, Jim. *The Smell Culture Reader*. Oxford: Berg, 2006.
- Engen, T. "The Origin of Preferences in Taste and Smell." *Preference, Behaviour and Chemoreception*. Ed. H. A. Kroese. Londres: Information Retrieval, 1979. 263-73.
- . *The Perception of Odors*. Nova Iorque: Academic Press, 1982.
- Fischler, Claude. "Food, self and identity." *Social Science Information* 27.2 (1988): 275–292.
- Ferguson, Mary Nisbet. *The Letters of Mary Nisbet of Dirleton, Countess of Elgin*. Londres: J. Murray, 1926.
- Forty, A. *Objects of Desire: Design and Society since 1750*. Londres: Thames & Hudson, 1986.
- Grant, Anne. *Eighteen Hundred and Thirteen: A Poem in Two Parts*. Londres: Longman, 1814.
- Gravil, Richard. "Foreword: Wordsworth as Partisan." William Wordsworth, *Concerning the Convention of Cintra. A Bicentennial Critical Edition*. Ed. Richard Gravil e W. J. B. Owen. Tirril: HEB, 2009. 16-29.
- Harvey, A. D., *English Literature and the Great War with France: An Anthology and Commentary*. Londres: Nold Jonson Books, 1981.
- Heale, Elizabeth. *Autobiography and Authorship in Renaissance Verse: Chronicles of the Self*. Basingstoke: Palgrave, 2003.
- Hobhouse, John Cam. "Hobhouse's Diary. Portugal, July 7th–23rd 1809". Ed. Peter Cochran. 1809. 1-15. Acessível em <https://petercochran.files.wordpress.com/2009/12/01-portugal.pdf>. Acedido em 12-10-2018.
- Holland, Elizabeth *Lady* (Holland Elizabeth Vassall). *The Spanish Journal of Elizabeth Lady Holland*. Londres: Longmans Green, 1910.
- Ichijo, Atsuko e Ronald Ranta. *Food, National Identity and Nationalism: From Everyday to Global Politics*. New York: Palgrave Macmillan, 2016.

- Jackson, Lee. *Dirty Old London: The Victorian Fight Against Filth*. New Haven: Yale University Press, 2014.
- Kleinig, John. *On Loyalty and Loyalties: The Contours of a Problematic Virtue*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- Mackinnon, Henry. *Journal of the Campaign in Portugal and Spain, Containing Remarks on the Inhabitants, Customs, Trade, and Cultivation, of those Countries, from the Year 1809 to 1812*. Bath: Charles Duffield, 1812.
- Magalhães, Francisco José. *John Cam Hobhouse: Diário de Uma Viagem*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.
- Marotti, Arthur F. *Religious Ideology and Cultural Fantasy: Catholic and Anti-Catholic Discourses in Early Modern England*. Notre Dame: University of Notre Dame, 2005.
- MacCarthy, Fiona. *Byron, Life and Legend*. Londres: Faber and Faber, 2003.
- McDayter, Ghislaine. *Byronmania and the Birth of Celebrity Culture*. Albany: State University of New York Press, 2009.
- Miller, William I. *The Anatomy of Disgust*. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- Mole, Tom. *Byron's Romantic Celebrity: Industrial Culture and the Hermeneutics of Intimacy*. Basingstoke: Palgrave, 2007.
- Moul, Victoria (ed.) *A Guide to Neo-Latin Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- Oakley-Brown, L. "Taxonomies of Travel and Martial Identity in Thomas Churchyard's *A General Rehearsall of Warres* and 'A Pirates Tragedie' (1579)." *Studies in Travel Writing* 12 (2008): 67-84.
- Ohnuki-Tierney, Emiko. *Rice as Self: Japanese Identities through Time*. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- Parker, Andrew Mary Russo, et al. *Nationalism and Sexualities*. New York: Routledge, 1982.
- Porteous, J. D. *Landscapes of the Mind: Worlds of Sense and Metaphor*. Toronto: University of Toronto Press, 1990.
- . "Smellscape." *Progress in Human Geography* 9.3 (1985): 356-78.
- Porter, Robert Ker. *Letters from Portugal and Spain Written during the March of the British Troops under Sir John Moore, with a Map of the Route and Appropriate Engravings*. Londres: Longman, Hurst, Rees, and Orme, 1809.

- Rathje, W. e C. Murphy. *Rubbish! The Archeology of Garbage*. New York: Harper Collins, 1992.
- Relph, E. *Place and Placelessness*. Londres: Pionm, 1976.
- Ribeiro, Jorge Manuel Martins. "Comércio e Diplomacia nas Relações Luso-americanas (1776-1822). Tese de Doutorado. Porto: Universidade do Porto, 1997.
- Ritvo, Harriet. "Animals in the Nineteenth-century Britain": *Animals and Human Society: Changing Perspectives*. Eds. Aubrey Manning e James Serpell. Londres: Routledge, 1994.106-126.
- Sambrook, Pamela. *A Country House Servant*. Stroud: Sutton Publishing, 2002.
- Schülting, Sabine. *Dirt in Victorian Literature and Culture: Writing Materiality*. New York: Routledge, 2016.
- Shaw, Philip. *Romantic Wars: Studies in Culture and Conflict, 1793–1822*. Aldershot: Ashgate, 2000.
- Shell, Alison. *Catholicism, Controversy and the English Literary Imagination, 1558-1660*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- Shove, Elizabeth. *Comfort, Cleanliness and Convenience: The Social Organization of Normality*. Oxford: Berg, 2003.
- Simmons, George. *A British Rifle Man: The Journals and Correspondence of Major Simmons*. Londres: A & C Black, 1899.
- Soriano, Simão José da Luz. *História de Reinado de El-rei D. José e da Administração do Marquês de Pombal 1*. Lisboa: Tipografia Universal, 1867.
- Sotheby, William. *Song of Triumph*. Londres: John Murray, 1814.
- Stray, Christopher. "Education and Reading." *The Oxford History of Classical Reception in English Literature 4: 1790-1880*. Ed. Norman Vance e Jennifer Wallace. Oxford: Oxford University Press, 2015. 79-102.
- Swift, Jonathan. *Poetical Works*. Ed. Herbert Davis. Londres: Oxford University Press, 1967.
- Ternas, Gabriela Gândara. *O Portugal da Guerra Peninsular: A Visão dos Militares Britânicos (1808-1812)*. Lisboa: Edições Colibri, 2010 (1ª ed: 2000).
- Torres, José de. "Brasão d'Elvas (Tradição Portuguesa)." *Panorama: Semanário de Literatura e Instrução* 13.3 (1856): 1-3.
- Trease, Geoffrey. *The Grand Tour*. New Haven: Yale University Press, 1991.
- Trotter, David. *Cooking with Mud: The Idea of Mess in Nineteenth-Century Art and Fiction*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

- Tuan, Yi-Fu. *Topophilia*. Prentice-Hall: Englewood Cliffs, 1974.
- Tuite, Clara. *Lord Byron and Scandalous Celebrity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.
- Uglow, Jenny. *In These Times: Living in Britain Through Napoleon's Wars, 1793-1815*. Londres: Faber and Faber, 2014.
- Underdown, David E. *A Freeborn People: Politics and the Nation in Seventeenth-Century England*. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- Vance, Norman e Jennifer Wallace (eds.) *The Oxford History of Classical Reception in English Literature 4: 1790-1880*. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- Vigarello, Georges. *Concepts of Cleanliness: Changing Attitudes in France since the Middle Ages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.
- Wellington, Duke of. *The Dispatches of Field Marshal The Duke of Wellington during his Various Campaigns 9*. Ed. Lieut. Colonel Gurwood. Londres: John Murray, 1838.
- Woodcock, Matthew. "Tudor Soldier-Authors and the Art of Military Autobiography": *Representing War and Violence, 1250-1600*. Eds. Joanna Bellis e Laura Slater. Woodbridge: The Boydell Press, 2016. 159-177
- Zegger, Robert E. *John Cam Hobhouse: A Political Life, 1819-1852*. Columbia: University of Missouri Press, 1973.